



EPISÓDIOS E PERSONAGENS DO RÁDIO BRASILEIRO

Doris Fagundes Haussen

PUCRS e UFRGS

Mágda Rodrigues da Cunha

PUCRS

A radiodifusão brasileira, em seus 80 anos, tem sido palco de episódios importantes promovidos por personagens destacados, ou nem tanto, desde suas primeiras demonstrações na década de 20 do século passado. Não se pretende, aqui, repetir os dados desta história, muito bem relatados por diversos autores, principalmente por Sonia Virginia Moreira, através das suas obras, já clássicas, *O Rádio no Brasil*(1991;2000, 2^{ed.}) e *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia* (1984), escrita com Luiz Carlos Saroldi.

De maneira ampla, pode-se afirmar que rádio, cultura e política caminharam juntos na construção da identidade nacional brasileira. Desde os seus primórdios, o veículo serviu de expressão às diferentes manifestações culturais do país. Principalmente através¹ da música, do esporte e da informação. Mas, se prestou, também, para outros usos, como o político e, também mais recentemente, o religioso. Sobre esta temática há obras de diferentes autores como veremos adiante.

O horizonte histórico do desenvolvimento do rádio foi abordado na tese de doutorado de Mágda Cunha (2002) intitulada *O valor da permanência do rádio. Um estudo dos efeitos pela Estética da Recepção*. A autora utiliza, para a análise do veículo, uma periodização com base no que denomina de *horizontes de expectativas*, apoiada na teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss.

O que se entende por horizontes de expectativas? É o contexto que cerca o receptor, as suas expectativas e questionamentos que estão sendo captados e respondidos pelo rádio. Quatro destes períodos nos quais o veículo está inserido, desde as suas origens até a atualidade, são apontados pela autora: o primeiro, de 1890 a 1925, em que o rádio ainda não é

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



um meio massivo, mas uma experiência de transmissão à distância; o segundo, abrangendo de 1925 a 1950, quando o veículo se organiza e se consolida como meio de massa; o terceiro, de 1950 a 1975, em que o rádio começa a se modificar para fazer frente à TV e se torna portátil, pela invenção do transistor. E é, também, quando termina o seu período áureo. O último, compreende de 1975 à atualidade, quando o veículo começa a se adaptar à tecnologia digital e à internet.

A teoria propõe que é possível reconstruir as perguntas dos diferentes horizontes. Conforme define a quarta tese de Jauss, é preciso considerar que estes horizontes se fundem ao longo da história e, por isso, não é possível lançar um olhar atual a uma época passada. É necessário, paralelamente, observar os horizontes. O que viria a ser o rádio, no início do século, é apenas uma experiência de transmissão de sinais a distância. É muito mais uma resposta da tecnologia e dos estudos científicos do que o meio em si. O mundo passa por significativas mudanças, em grande velocidade, especialmente sob o aspecto tecnológico. É o período da revolução Científico-Tecnológica. As pessoas migram para diferentes países, deixam o campo e passam a residir nas cidades. A pergunta é realmente por uma tecnologia capaz de proporcionar-lhes comunicação.

Esta resposta de transmissão a distância evidencia também a primeira guerra mundial, da qual resultou como fracasso, a dificuldade de comunicação. Invenções básicas e necessidade de uso chegam ao segundo horizonte do século, onde a sociedade encontra, então, uma utilização para o rádio, que se transforma em meio de massa. Este pode ser considerado um período com grandes repercussões. O rádio responde como meio de massa por uma busca da sociedade, ansiosa por informação, entretenimento e, também, a uma ambição dos governos em chegar às populações com maior facilidade. O rádio teve sua época áurea no segundo horizonte do século, porque as perguntas apontam para o desejo de um meio que ajude na organização pós Primeira Guerra e também colabore na comunicação na Segunda Guerra.

As propostas dos autores da época, a exemplo de Brecht, demonstram os efeitos que o rádio é capaz de suscitar. Além disso, causa fascínio pela possibilidade de transmissão da música e da voz humana. Não é mais uma voz que vem de dentro, da consciência, no pensamento da filosofia, conforme registram alguns autores, mas uma voz que vem de fora e



acompanha o ouvinte por todas as partes, lembrando ainda o pensamento de McLuhan, que fala em envolvimento total. O segundo horizonte é aquele em que governantes usam o rádio em maior escala.

O terceiro horizonte expressa acentuado uso do meio, por parte das correntes políticas ditas de esquerda. O período está definido por uma força dos jovens e por movimentos políticos. E isto pode ser reconstruído a partir de um olhar para as respostas do rádio. No momento em que enfrenta a expansão da televisão, responde com as rádios livres. Elas são elementos fundamentais nas lutas políticas da esquerda, em diferentes países, especialmente da Europa, e também surtem grande efeito utilizadas por estudantes.

Tecnologicamente, o transistor é um dos mais significativos inventos para o rádio. Criado em 1947, passa a ser realmente utilizado após os anos 50. Torna o meio radiofônico complementar à televisão e responde à pergunta de um período em que a individualidade das pessoas está acentuada. Os indivíduos são considerados consumidores em potencial das novidades tecnológicas fabricadas em larga escala. Além disso, o período define a miniaturização em diferentes áreas e o interesse é pela portabilidade, que amplia o alcance e o mercado.

No quarto horizonte do século, o rádio é considerado o meio que mais sofre modificações em sua história, tem uma origem complexa, datada do início do século XX, mas é capaz de co-existir em diferentes formas. Seu suporte básico permanece sendo o áudio. Porém, agrega imagens para estar presente na internet e a tecnologia digital propicia grande abrangência de suas mensagens. É responsável por informação diversificada e pela criação de diferentes gêneros de programação, inclusive os que migraram para a televisão nos anos 50. Por existir na internet, propicia que os ouvintes possam criar sua própria emissora na *web*. Proporciona que emissoras analógicas também existam na Internet ou apenas apareçam em páginas informativas.

Bragança (2001) destaca que o *site* Usina do Som, com 850 mil rádios pessoais, tem mais de um milhão de *page view* por dia, que refere o número total de vezes que as páginas são visualizadas pelos internautas. O ouvinte/usuário dos *sites* das emissoras na Internet começa a estabelecer um novo tipo de relação com as emissoras de rádio. Busca nas



homepages informações textuais sobre a programação, como horários, destaques, chamadas para atrações do dia ou da semana, além de dados sobre o funcionamento da própria emissora.

O rádio alcança o século XXI encontrando o fenômeno da Internet, um meio capaz de colocar o mundo em rede e com grande poder de abrangência. A sociedade, que no início do século, vive a mobilidade, a migração para diferentes países, concretiza este ideal com uma mobilidade virtual. A existência ocorre em escala mundial. Por isso, é preciso uma mídia que responda a essa exigência. As ondas radiofônicas, por sua vez, passam a ser digitais e o meio entende que deve estar na Internet. As emissoras na *web* contam também com imagens agregadas ao áudio. Todavia, o rádio, na passagem do século XX ao XXI, permanece, também, em sua forma original, com transmissão analógica, em muitas partes do mundo. Emite informação por intermédio de computadores ou pequenos rádios a pilha.

Em artigo de Haussen (2002), para efeitos da análise histórica do desenvolvimento do rádio no Brasil, foram selecionados três pontos: a *tecnologia*, os *atores* e as *obras* sobre o veículo. Ou seja, os inventos tecnológicos mais influentes; os principais personagens desta história e os registros sobre a trajetória do rádio brasileiro. Em relação às obras, a autora aborda aquelas que se destacaram na história do rádio no país.

Sobre a história do veículo, são destacados os livros *Bastidores do Rádio*, de Renato Murce, *História da Comunicação - Rádio e TV no Brasil*, de Maria Elvira Federico, *Música popular - do gramofone ao rádio e TV*, de José Ramos Tinhorão, e *No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB*, de Sérgio Cabral, sobre os primeiros anos do rádio, além dos já citados *O Rádio no Brasil* e *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*.

Entre os livros que abordam a relação do veículo com a política são lembrados *Rádio e Palanque*, de Sonia Virgínia Moreira, *Rádio e política. Tempos de Vargas e Perón*, de Doris Fagundes Haussen, *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, de Miriam Goldfeder, *A Hora do Clique*, de Lilian Perosa, *Rádio e política: do microfone ao palanque. Os radialistas políticos em Fortaleza*, de Márcia Vidal Nunes, entre outros.

Sobre o veículo, sua linguagem, técnica e processos internos, são salientadas as obras pioneiras de Zita de Andrade Lima, *Princípios e técnicas de Radiojornalismo*, e de Walter Sampaio, *Jornalismo audiovisual. Rádio, TV e Cinema*. E, na década de 80, destacam-se *A informação no rádio. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, de Gisela Ortriwano, e *O Rádio dos Pobres*, de Maria Immacolata Lopes, assim como na atualidade as



obras de Eduardo Meditsch, *O rádio na era da informação* e de Luiz Artur Ferraretto, *Rádio, o veículo, a história e a técnica*. Sobre as rádios comunitárias, são destacadas as obras de Círcia Peruzzo *Comunicação nos movimentos populares* e de Denise Cogo, *No ar... uma rádio comunitária*.

A autora salienta, ainda, a atuação do Grupo de Rádio da Intercom (hoje Mídias Sonoras) que, desde 1991, vem se empenhando na publicação de coletâneas, como *Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos 60 anos depois*, *O Rádio no Brasil* e *Desafios do Rádio no século XXI*.

O novo livro do Núcleo de Mídias Sonoras

Embora os registros sobre o rádio no Brasil já tenham importante presença no cenário editorial, muitas lacunas ainda são constatadas. Neste sentido, a proposta do novo livro, organizado pelo Núcleo de Mídias Sonoras da Intercom, pretende contribuir para um panorama mais completo da presença radiofônica nas diferentes regiões do Brasil. Considerando a relevância de diferentes personalidades em episódios que construíram e ainda constroem o rádio brasileiro, a obra segue esta linha de organização: artigos que trabalham com a narração de aspectos históricos nacionais e de diferentes regiões. Reúne também textos que destacam personagens desta trajetória, suas histórias de vida e paixão pelo rádio.

Autores de diversas partes do Brasil atenderam à convocação do Núcleo de Mídias Sonoras da Intercom e enviaram contribuições. Assim, a futura obra contará com textos de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Paraíba, Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, entre

Em *Minas Gerais*, por exemplo, a radiodifusão completa 77 anos. O primeiro marco é a Rádio Inconfidência, a grande emissora de todos os tempos do Estado e que fez história com os programas de auditório, o culto aos ídolos, os cantores, as orquestras, as novelas, os programas de humor. O segundo marco é a Rádio Itatiaia, emissora que buscou uma nova linguagem e encontrou seu caminho no jornalismo, no esporte, na prestação de serviço. O terceiro marco é a Rádio Favela, emissora que funciona numa favela de Belo Horizonte com uma programação voltada para a comunidade local. A primeira estação de rádio da *Paraíba*



surge, por sua vez, entre 1930 e 1931, na mesma época em que a população paraibana apresentava um movimento do campo para as cidades e do sertão para o litoral.

Já o programa *Vanguarda* é o último ato de uma trilogia encenada com os informativos *Governo do Estado em Foco* e *A Marcha dos Acontecimentos* transmitidos pela Rádio *Diário da Manhã* de Florianópolis, no período de 1967 a 1975. *Vanguarda*, depois de quase trinta anos ainda é considerado o mais importante programa de radiojornalismo de Santa Catarina. Na capital catarinense, no início dos anos 1940, podem ser vislumbradas três maneiras utilizadas pelo mercado para convencer, deleitar ou comover a população por meio da palavra : a do laboratório de medicamentos Bayer, a do Nego Fuzaca e a do sistema de som da Empresa de Propaganda Guarujá.

No *Paraná*, vamos conhecer a história do Zé do Pito, criado quando surge a idéia do programa “A Cidade de Pito Aceso”, que teria veiculação de madrugada, das 04 às 06 da manhã. Em reunião na emissora, os radialistas Jair de Brito, Luis Ernesto, Cláudio Ribeiro e Claudia Paciornik criam o personagem “ Zé do Pito”, nome de uma antiga praça de Londrina.

Ainda nos anos 30, no *Mato Grosso*, Deodato Gomes Monteiro, um jovem cuiabano apaixonado por eletricidade e por engenharia elétrica, a passeio pela cidade do Rio de Janeiro, capital do país, manteve seu primeiro contato com o rádio. Imediatamente se sentiu atraído pelas ondas sonoras e, ao retornar para Cuiabá, trouxe em sua bagagem, vários componentes eletrônicos para montar o primeiro aparelho de recepção cuiabano.

Também cercada de magia é a figura de Johnny Black que foi o responsável, em grande parte, pelo sucesso do *Balancê*, um programa de variedades transmitido no início dos anos 80 pela *Excelsior*, em *São Paulo*, que surgiu de um projeto de Osmar Santos, Yara Perez, Paulinho Matiucci, Juarez Soares, Nelson Tatá Alexandre, Fausto Silva e tantos, tantos outros. No *Rio Grande do Sul*, Nilo Miranda Ruschel ingressou no rádio em 1931 e foi locutor da primeira emissora da capital gaúcha, a Rádio Sociedade Gaúcha. Foi também professor e pioneiro nas disciplinas de Radiojornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica.

O rádio educativo também está sendo destacado. No Brasil, o meio assumiu esta característica pela iniciativa do cientista e educador Edgard Roquette Pinto, na sala de Física da Escola Politécnica, na cidade do *Rio de Janeiro*. A Rádio Sociedade inaugurada em 20 de



abril de 1923 foi o laboratório vivo da primeira manifestação, no país, da tecnologia sendo usada como meio de levar educação para muitos.

A primeira radionovela transmitida no Brasil, *Em busca da felicidade*, foi ao ar em 05 de junho de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Isso não quer dizer que as emissoras não realizassem radiodramatizações. Eram comuns os “teatros em casa”, os “radiatros” e os inúmeros sketches teatrais presentes nos mais variados programas das emissoras de rádio brasileiras.

São histórias pouco conhecidas e outras que se tornaram um constante mistério a desvendar e por isso merecem sempre ser estudadas. Como é o caso do padre gaúcho *Roberto Landell de Moura* que, já em 1894, patenteia no Brasil e nos Estados Unidos um aparelho apropriado à transmissão da palavra a distância, com ou sem fios, através do espaço, da terra e da água. Mesmo desenvolvendo experiências similares às que vinham sendo realizadas por Marconi na Europa, por ser sacerdote, é classificado como o *padre espírita*, homem que pretendia entender-se com os astros.

Estes são apenas alguns aspectos que demonstram a diversidade que até hoje marca o rádio brasileiro, em sua trajetória de 80 anos no país. São histórias pessoais, em muitos casos quase mágicas, pelo fascínio que o meio proporcionou em sua fase inicial. Histórias de um rádio que educa, que noticia a política, não esquece do entretenimento e mobiliza as audiências. A proposta deste novo livro do *GT de Mídias Sonoras da Intercom* é investigar fatos ainda não contados sobre o rádio brasileiro e permitir, também, que sejam acrescentadas novas nuances a alguns acontecimentos já conhecidos por todos.



Bibliografia

BRAGANÇA, Maria Alice. Internet: o desafio das rádios pessoais. In: Seminário internacional de comunicação, V, FAMECOS, PUCRS, 2001. Anais... Porto Alegre, 2001.

CUNHA, M. (2002). *O valor de permanência do rádio. Um estudo dos efeitos pela Esteticada Recepção*. Porto Alegre, Tese de Doutorado apresentada no PPG em Letras/PUCRS.

HAUSSEN, D.F. (2001, 2ªed.). *Rádio e Política. Tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre, Edipucrs.

_____ (2002) *Oitenta anos de rádio no Brasil: uma história de cultura, política e integração*. Texto apresentado no IX SIPEC - Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste. Intercom/Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia de Campos, São João da Barra, Campos, RJ: 2002.

MOREIRA, S.V. (2000, 2ªed.) *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro, Mil Palavras.

ORTRIWANO, G. (1987). *Radiojornalismo no Brasil. Dez estudos regionais*. São Paulo, COMARTE.

SEVCENKO, N. (org. 1999). *História da vida privada no Brasil vol.3*. São Paulo, Companhia das Letras.

¹ Prof. Dra. das Faculdades de Comunicação Social da PUCRS e da UFRGS

² Prof. Dra. da Facu